

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ANTE-ESTREIAS  
5 de fevereiro de 2026

# OURO NEGRO / 2024

Um filme de Takashi Sugimoto

Realização: Takashi Sugimoto / Argumento: Takashi Sugimoto / Fotografia: Rui Xavier / Som: Kriti Kamal Das, Hugo Leitão / Música: João Gomes / Montagem de imagem: Rita Pestana, Luísa Homem / Montagem de som e mistura: Hugo Leitão / Foleys: Hugo Bento, João Galvão / Correção de cor: Paulo Américo

Produção: Uma Pedra no Sapato / Produtor: Filipa Reis / Produção local: Arun Khartick / Coordenação de produção: Sarabhi Ravinchandran / Direção de produção: Joana Vaz da Silva / Chefe de produção: Carolina Leite Ribeiro / Produtora delegada: Patrícia Faria / Distribuição Nacional: Uma Pedra no Sapato / Cópia: DCP, 100 min, versão legendada em português e eletronicamente em inglês

---

Com a presença de Takashi Sugimoto

---

『O Circuito Poliamoroso do Sul da Índia e a Estética do Cinza』

O ato de rapar a cabeça e oferecê-la aos deuses. Antes de questionar o seu significado, vamos primeiro estabelecer o cenário. Este filme passa-se no sul da Índia.

Como é sabido, trata-se de uma vasta esfera politeísta dentro do hinduísmo, onde existe um potente campo magnético animista (adoração de espíritos).

Aqui, as divindades habitam todas as coisas. Por exemplo, ao espreitar o covil de uma cobra, percebe-se que não é apenas a morada de um animal, mas um santuário venerado como o domínio da divindade serpente (Nāga). Em essência, a fronteira entre humanos e divindades é muito mais ambígua e íntima do que podemos imaginar.

Agora, vamos analisar estruturalmente o ato de «raspar o cabelo como oferenda». Isso envolve apresentar uma parte de si mesmo como um «sacrifício» para abrir um canal de comunicação com o divino.

Se definirmos esse canal como «amor», então, dentro de um contexto cristão (monoteísta), este filme deve ser lindamente resolvido como uma «história de amor através do sacrifício e da fé».

No entanto, a premissa é diferente. Dentro da visão de mundo hindu, esse «circuito de amor» não é uma relação exclusiva de um para um, mas assume um aspecto extremamente «poliamoroso».

O circuito está indiscriminadamente aberto não apenas a divindades específicas, mas também à natureza, à atmosfera, aos animais selvagens e até mesmo aos insetos, e vem completo com o ciclo infinito da reencarnação.

Então, este filme, «Ouro Negro», é um «filme espetacular de reencarnação poliamorosa»? Se nos perguntarmos isso, a resposta é não. Afinal, não se pode continuar a sacrificar-se

raspando o cabelo tantas vezes. A questão volta, mais uma vez, à indigeneidade do sul da Índia.

O significado de rapar a cabeça na sensibilidade hindu. Em vez de um «sacrifício» trágico, parece mais próximo de uma tecnologia prática de «purificação (catarse)», não é verdade?

Eliminar fisicamente a «impureza» junto com o cabelo, reiniciar o sistema e recarregar a sua energia. Muito semelhante ao sistema de castas, a base da sociedade indiana, que opera no dualismo de «purificação e contaminação», eles aproximam-se infinitamente mais do divino como existência pura, livrando-se da impureza.

O que se revela intrigante aqui é a comparação com o budismo, que partilha uma afinidade significativa com o hinduísmo, particularmente o budismo esotérico japonês. O budismo esotérico possui o «ultra C» de «Sokushinbutsu», que significa «o próprio praticante torna-se um Buda (divindade)».

Da perspetiva ocidental, que vê «Deus como o absoluto externo», a noção de um humano tornar-se divino parece transcender o próprio horizonte da imaginação. No entanto, a busca oriental pela «pureza» é tão radical que abriga uma beleza avassaladora.

Dito isto, acredito que compreendem que o que procurei retratar neste filme não foi uma aula de livro didático sobre «sacrifício e amor».

A dispersão de nove poemas de Tagore (poeta laureado da Índia) ao longo do filme também serve como um dispositivo para deslocar deliberadamente as interpretações lineares em que tantas vezes caímos.

Impureza e pureza, preto e branco, bem e mal. Não devemos dividir o mundo em oposições binárias como essas.

As nossas vidas existem precisamente dentro dos infinitos tons de cinza, os «tons de cinza» que não são nem pretos nem brancos.

Segredos, sacrifício, alegria, ódio e amor ou compaixão. É dentro deste reino cinzento e obscuro que a essência da humanidade se manifesta. Só ao abraçar as nossas imperfeições, ansiando pela perfeição enquanto reconhecemos a sua impossibilidade, é que podemos tornar-nos seres verdadeiramente amáveis.

Que este mundo seja um lugar rico em tons de cinza que abraçam a complexidade e que seja preenchido com a esperança e a possibilidade que deles surgem.

Por fim, gostaria de expressar a minha gratidão a todos os envolvidos neste filme.

Muito obrigado.

To see a world in a grain of sand  
And a heaven in a wild flower,  
Hold infinity in the palm of your hand  
And eternity in an hour.

Auguries of Innocence  
William Blake

Takashi Sugimoto